

BIBLIOTECAS -- UM DEPÓSITO DE CULTURA ?

§ 1. *Pro-vocação.*

Começo por agradecer à Associação de Municípios da Região de Setúbal o honroso convite para proferir esta conferência, na abertura de mais este Seminário internacional por ela promovido.

Após um pequeno trabalho de reflexão assistida -- em que o concurso amigo do Dr. Arlindo Mota se revelou preponderante --, acabámos por encontrar um «nome» para a «coisa», e chamámos-lhe, num certo jeito interrogativo: «Bibliotecas -- um depósito de cultura ?».

O título é manifestamente *provocatório*.

No entanto, por vocação, é próprio dos filósofos -- *pro-vocar*. Não no intuito desagradável de, desmanchando prazeres eventuais, exasperar auditórios benevolentes (o que, por vezes, acontece); não com o objectivo tortuoso de, com instantes blandícias, os seduzir a que revelem sentimentos e convicções que seria suposto permanecerem a bom recato guardados; mas, fundamentalmente, no sentido de *chamar adiante*, de promover um incitamento ao *pensar*.

E o *pensar*, entre outras coisas, é um *pesar* das realidades, fazendo-as passar por um escrutínio *crítico* -- que não apenas desvende a *multiplicidade* de determinações que encerram sob uma capa de aparente estabilidade linear, mas que igualmente lhes procura descobrir a *diferença* e a *contraditoriedade* de aspectos de que se tecem e entretecem.

A causa do pensar é, em larga medida, pôr em causa -- por isso, alguns o despacham preguiçosamente por incómodo, e outros o reprimem sofisticadamente por «perigoso».

E, no entanto, importa não abdicar -- por indolência aconchegada, ou por receios imaginários -- dos trabalhos do pensar.

Gostaria, então, de deixar aqui, em epígrafe desta fala, dois pensamentos -- porventura, perturbadores -- que nos poderão resultar de algum socorro.

O primeiro pensamento é de Aristóteles, e diz-nos que, afinal, toda a «tese» ($2\Xi\Phi 4H$) -- todo o enunciado resolutivo de um ponto de doutrina -- constitui um «problema» ($B\Delta \Xi 80:\forall$)¹.

Isto é, que as respostas eventualmente encontradas, e sedimentadas numa proposição declarativa, nunca podem romper por inteiro os laços que as vinculam a um contexto determinado, e concreto, de interrogação, de problematicidade, onde diferentes aspectos e perspectivas acusam os seus contornos.

Os respondimentos, que se condempnam em «teses», são função de um questionário, e desenrolam-se num horizonte aporético que, pela sua tomada de posição, decidem num sentido determinado.

O segundo pensamento deve-se a um moralista aragonês do século XVII, Baltasar Gracián, e conhece uma formulação contundente: «No hallarás sí sin *no*, ni cosa sin un *sino*.»² -- «Não encontrarás [um] *sim* sem [um] *não*, nem [uma] coisa sem *senão*.».

A *contradição* é inerente às coisas, na sua *complexidade* própria e no seu próprio *devir*; não se limita a representar o resultado avulso de opiniões exteriores que sobre elas ajuízam.

De facto, a *dialéctica* não jaz encafuada apenas na clausura dos rebuscados e abstrusos tratados da especialidade, mas, patente e

¹ Cf. ARISTÓTELES, *Tópicos*, I, 11, 104 b 29.

² Cf. Baltasar GRACIÁN, *El Criticón* (1657), III, IX; ed. Elena Cantarino, Barcelona, Espasa Calpe / Editorial Planeta-DeAgostini, 2003, p. 747.

interpeladora, encontra-se à mão de semear nas experiências mais quotidianas por onde a realidade do movimento, a cada passo, irrompe.

Como, aliás, Hegel também gostava de lembrar, não há nada, nem no Céu nem na Terra, que não se possa tomar como um exemplo de «o dialéctico» (*das Dialektische*), na medida em que todas as coisas, na sua finitude, são sempre algo de *concreto* e de *deveniente* -- um processo, um conjunto *uno* de determinações *múltiplas* que se equilibram, conflituam, e transformam³.

As bibliotecas não escapam a esta condição do ser.

Agasalhados por este já de si «pro-vocatório» intróito, entremos então em matéria.

§ 2. O mausoléu imponente.

Desafortunadamente, não deixa de se encontrar disseminada entre diversos sectores da sociedade a ideia subliminar de que a «biblioteca» é um *depósito* -- ainda que um depósito *qualificado*.

É certo que para se chegar a esta visão depositária da «biblioteca» -- que no espírito de alguns tenderá a ser interpretada como decorrendo vagamente de uma «concessão» generosa -- foi preciso ter feito algum longo e laborioso caminho.

Foi preciso, designadamente, remover o desembaraço higienista das tentações de um acondicionamento indiscriminado das coisas liminarmente julgadas sem préstimo, dos «luxos» desprovidos de justificação, das exsudações mentais etiquetadas de «desinteressantes», na vala comum das lixeiras.

Foi preciso abolir o expediente profiláctico da «queima» por atacado dos dejectos residuais inertes em letra de forma, ou as liturgias ritualizadas de

³ Cf. Georg Wilhelm Friedrich HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), por exemplo, § 81, Zusatz 1, e § 119, Zusatz 2; *Theorie Werkausgabe*, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel (doravante: TW), Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1970, vol. 8, respectivamente, pp. 174 e 246-247.

indignada «purificação» na pira inquisitorial daqueles materiais «nocivos» que subvertem as mentes, corrompem a imaginação, e fomentam a eclosão desordenada de neoterismos.

Com um endereço na aparência distinto, foi preciso refrear o peregrino achado -- típico dos activismos epidérmicos de raso voo, e comparsa de algumas manifestações assanhadas de «contra-cultura» sublevada -- de que a *memória* devém afinal empecilho e obstáculo ao desabrochar pleno das imediatas premências da inovação, da criatividade, do deslumbramento com e pela actualidade momentânea do efémero.

No entanto, é igualmente certo que esta representação da «biblioteca» repescada como piedoso emprateiramento dos despojos da cultura, e como preservação solícita dos salvados dos seus naufrágios que a alguma costa deram, se revela inequivocamente, em todo o variado espectro da sua paleta, como pobre e empobrecedora.

Articulada com, e por detrás de, esta espalhada perspectiva da «biblioteca» como «depósito» -- ainda que «qualificado» -- deparamos, não raro, com uma concepção generalizada da *cultura*, onde um certo «temor reverencial» (veladamente proclamado a espaços) dá gostosamente o braço, na romaria, à procissão de uma efectiva *des-atenção*, e de um real *des-interesse*.

Nos termos discretos do peculiar «conceito operatório» que por essas paragens espreita, ou tranquilamente se passeia, a «cultura» -- com entoações declinadas naquele intervalo que se estende entre o toque requintado da distinção «chic» e os tiques requentados do arabesco floreado -- relevaria tão-só do capítulo apendicular do *ornato*, da superfluidade delicada, do decorativismo excedentário.

Como tal, a «cultura» -- por múltiplas práticas, directas e indirectas, a entender se dá -- deveria ser cirurgicamente aludida na ocasião propícia (claro está, com o comedimento adequado), e, eventualmente, celebrada com pompa em apropriados discursos de circunstância, mas, em rigor, acaba por ver-se tratada um pouco ao jeito daqueles vetustos corpos mumificados (literal ou simbolicamente) que é suposto jazerem na cripta de imponentes edificações como apregoada razão de ser do mausoléu.

Desprende-se, em regra, destes enfoques, e dos correspondentes vapores que não deixam de exalar mansamente, uma concepção algo «cemiterial» da «cultura».

Há visitas (guiadas, ou não), há passeios displicentes pelas áreas ajardinadas, de quando em vez ocorre (quando o calendário recomenda) uma rememoração condoída das almas defuntas, mas o verdadeiro *utente* do «campo santo» acaba por ser mais o residente definitivo.

E as convenientes distâncias devem em qualquer caso ser mantidas, como sinal e garantia de uma extra-territorialidade recíproca a preservar: os que estão dentro é bom que não saiam, os que estão fora não querem para lá transferir a morada.

Com este conceito de «cultura», e de «biblioteca» -- que lhe está associado --, assistimos, na verdade, a um triunfo consumado da «pirâmide tumular» sobre o *laboratório*: o arrecadamento classificado do morto sobrepõe-se vitoriosamente ao trabalho irrequieto da vida.

§ 3. *Da cultura como presença do outro.*

De entrada, havíamos alertado para a circunstância de que, pelos poros e pelos interstícios da realidade, a *dialéctica* irrompe.

Em conformidade, o *pensar* -- nas suas tarefas de penetração dos processos reais em demanda de inteligibilidade -- não pode também desprezir apressadamente a dialéctica.

Temos, portanto, que aprofundar um pouco mais a pergunta: a *cultura* deposita-se ?

Sob um determinado ângulo -- que, compreensivelmente, importa reter, mas, como procuraremos sugerir, não absolutizar em exclusivo --, a *cultura* é também um repositório e um depósito.

Na *cultura* -- nas suas diferentes manifestações de género, de estilo, de conteúdo -- surpreende-se e *sedimenta-se* toda uma *descoberta conjunta* do mundo e da vida.

É isso que na cultura, enquanto expressão «coisificada» ou «tesouro» acumulado, se apresenta *depositado* -- não forçosamente como «arquivo morto» de tempos revolutos, de genealogias perdidas, ou de entidades «estranhas», mas como *latência* de possibilidades mais vastas, pronta a enriquecer, se entretanto fôr devidamente apropriada e afeiçãoada, a *plataforma* a partir da qual, insubstituivelmente, se ensaiam, a cada novo tempo, itinerários de vida novos.

A cultura, porque é cultivado, materializa-se.

Os monumentos da cultura são produtos multifacetados da objectivação de uma *experiência*, de que constituem um como rasto.

A *experiência* de que as obras de cultura são vestígio não se desenvolve apenas no enfrentamento directo do mundo, ou na exploração intimista das profundezas de uma subjectividade que o pensa e sente. Trata-se de uma *experiência* que, pelo contrário, corresponde já, ela mesma, a uma decisiva *mediação* do real onde o *outro* e os *outros* desempenham um constitutivo e destacado papel.

O nosso *viver* não se esgota numa mera *flexão* mundana em que *imediatamente* nos dispersamos, e perdemos, na lida com o que nos rodeia e con-cita.

O nosso viver envolve, se bem que, em regra, impensadamente, todo um *horizonte de cultura* -- que, numa acepção lata, todo um complexo processo *educativo* (que se estende muito para além das diversificadas «escolarizações» formais) proporciona, elabora, e induz --, sobre o fundo do qual os «sentidos» despontam, as «significações» se desenham, os «desígnios» se organizam, cobrando os seus diferenciados matizes de inteligibilidade: teórica, prática, mas *afectiva* também.

Esse *horizonte de cultura* é o resultado e o sinal de uma alargada *presença do outro* na modelação, e na modulação, dos próprios dispositivos com que enfrentamos (individual e colectivamente) as grandes, ou as humildes, tarefas do quotidiano.

Por isso, a *condição humana* que partilhamos não é apenas a da gregaridade de seres que interagem e vivem em *comunidade* (mesmo quando a rejeitam, ou dos seus destinos aparentemente se apartam), mas a de seres

de cultura, a cuja luz sofrem e criticam, conhecem e fccionam, interpretam e transformam, o mundo.

Neste particular, qualquer documento de cultura, em geral, *é testemunho* de uma vivência, e *dá testemunho* de um viver.

É desse passo que se constitui também um enriquecido *alargamento da memória*, na medida em que coloca à disposição do nosso *saber*, e da nossa *interrogação*, acervos de experiências que transcendem a limitação estrita (em determinados casos, estreita) dos que com eles à partida se confrontam.

E o *livro*, por exemplo, que supõe e incorpora significativos avanços tecnológicos (que, por sua vez, não deixaram, e não deixarão, de ocasionar novos suportes de registo, novas modalidades comunicacionais, novas avenidas para a expressão)⁴, representa, inegavelmente, um muito prestimoso *documento de cultura*.

Efectivamente, como Álvaro Cunhal, escrevendo da prisão aos seus familiares em 1951, lembrava: «o pior dos livros tem sempre alguma coisa que ensinar»⁵.

§ 4. *Da cultura como cultivo.*

A cultura materializa-se nos seus documentos.

Mas a *cultura* é muito mais do que o amontoado compulsado, ou do que a salvaguarda arejada a golpes de espanador, dos documentos em que se deposita o pulsar reverenciado de uma experiência alheia.

⁴ Uma abordagem deste tópico -- decerto da maior utilidade para uma perspetivação da problemática das bibliotecas num escopo mais abrangente, actual, e actuante -- cai naturalmente fora dos propósitos da presente intervenção.

Limito-me, por isso, e a mero título de ilustração, a recordar duas obras conhecidas que poderão fornecer elementos proveitosos para o enquadramento histórico e prospectivo do necessário debate: Herbert Marshall MCLUHAN, *The Gutenberg Galaxy. The Making of Typographic Man*, Toronto, The University of Toronto Press, 1962; e Manuel CASTELLS, *The Internet Galaxy. Reflections on the Internet, Business, and Society*, Oxford – New York, Oxford University Press, 2001.

⁵ Cf. Álvaro CUNHAL, *Documentos da Cadeia Penitenciária de Lisboa, 22 de Março de 1951; Obras Escolhidas*, ed. Francisco Melo, Lisboa, Edições “Avante !”, 2008, vol. II, p. 128.

É sabido como Platão -- ele próprio um escritor prolífico, de resto -- não poupava reparos críticos ao «livro».

Por um lado, tratava-se de assentar uma concepção *restritiva* do saber, cujo acesso, a fim de que não caísse nas mãos erradas, se deveria reservar apenas para os «eleitos» devidamente preparados. Daí a curiosa sentença prudencial de que manifestamente «todo o homem sério» ($B \square H \square \leftarrow \Delta$ $\Phi B \equiv \Lambda * \forall \wp \equiv H$) se abstem de tratar das «coisas sérias» ($\wp^{\text{TM}} < \angle < \wp T < \Phi B \equiv \Lambda * \forall \therefore T <$) por escrito, já que não se dispõe a entregar à «inveja» ($N2 \bar{\angle} \equiv H$) e à «incompreensão» ($\square B \equiv \Delta \therefore \forall$) multitudinária do vulgo a preciosidade dos seus pensamentos⁶.

Por outro lado, e aí residiria porventura o cerne alegado do argumento desqualificador, «os livros» ($\wp \square \exists 4 \exists 8 \therefore \forall$) -- em contraste marcado com as situações de um debate desenvolvido em ambiente de oralidade -- não seriam de todo capazes nem de «responder» ($\square B \equiv 6 \Delta \therefore < T$) nem de «perguntar» ($\clubsuit \Delta \equiv \therefore \forall 4$)⁷, limitando-se tão-só a «indicar» ($\Phi 0 \therefore \forall \therefore < T$) indefinidamente «sempre só o mesmo» ($\therefore \bar{\angle} \equiv < \wp \forall \leftrightarrow \wp \in < \square \gamma \therefore$)⁸.

Será perfunctório sublinhar como teses, directa ou indirectamente, tributárias ou imbuídas desta inspiração de ascendência platónica não deixaram, com efeito, de afectar e de infectar, de informar e de enformar, ao longo de muitas centenas de anos, algumas atitudes dominantes para com a cultura -- nada interessadas (e por outras razões mais fundas) nem na sua democratização, nem num seu aturado escrutínio.

A história, todavia, caminha -- apesar de algumas certidões de óbito conjunturais que, de quando em vez, com amplificada retumbância mediatizada (mas sem grande sucesso efectivo, ao que parece), lhe vão sendo tabelionicamente passadas --, pontuando também os seus laboriosos avanços de não despreciandos recuos e retrocessos...

⁶ Cf. PLATÃO, *Carta VII*, 344 d.

⁷ Cf. PLATÃO, *Protágoras*, 329 a.

⁸ Cf. PLATÃO, *Fedro*, 275 d.

Perceber que a cultura constitui um *património*, cuja acessibilidade é necessário franquear e promover em termos sociais alargados -- é, sem qualquer dúvida, nem hesitação, importante.

Decisivo, no fundo, é porém que, além disso, se fomenta e pratique ainda um outro exercício, bem mais dificultoso, e sem o qual falece completude e vitalidade ao *acto* de cultura relacionalmente intermediado pelos mais diversos produtos.

O *outro* está decerto presente na cultura; mas não na empedernida mudez, ou na prolongada reiteração fria do «mesmo», que Platão emblematicamente lhe atribui nos textos a que aludimos.

Na realidade, na cultura depositada em obras, é preciso começar por encontrar o *outro* -- e fazê-lo falar.

Não para exhibir a extensão esplendorosa dos nossos conhecimentos e a argúcia hermenêutica das nossas faculdades de fazer soltar a língua alheia; não para beber com avidez, e decorar sem distorsão, as iluminadas mensagens oraculares que dessa bica jorram; não para converter esse *outro* em adereço exterior de uma «conversação» que de facto não tem lugar; mas para o incorporar a um *diálogo vivo* em que esses materiais se firmem e afirmem como *interlocutores* de uma tarefa *renovada* (em que nada nem ninguém nos substitui) de descoberta, de sondagem pensante, e de transformação material do mundo e da vida.

Na verdade, o que nos interpela desde o fundo da *cultura* é o prosseguimento enriquecido daquele *cultivo* relacional do ser e da história nas condições a que a cada um é dado viver.

A cultura é um património; mas só é património *cultural*, porque é tomado como termo de uma relação que se alimenta e desenvolve -- porque se faz frutificar.

A cultura é uma herança -- que se carrega, decerto, que muitas vezes pesa, mas que igualmente se *trans-porta* trans-formada ao limiar em que novas gerações dela tomarão, mais do que o encargo, o cargo.

A cultura não evacua a «tradição» -- mesmo quando rompe amarras e peias que teimavam em a agrilhoar a formas (e conteúdos) de um passado revoluto.

A cultura -- obra que sobre um fundo transmitido de experiências se levanta, reflectindo e perspectivando um mundo que ao seu tempo corresponde --, na sua dinamicidade compreendida e praticada, não deixa as tradições que nela reverberam impassíveis, intocadas, intactas.

A cultura é *relação*, e vibra num sistema complexo de relacionamentos em processo de reconfiguração que, só ele, lhe confere vitalidade. Para tomar de empréstimo uma bela e pujante imagem de que Hegel se socorre, viva e dilatando-se, a cultura assemelha-se a «uma corrente [ou torrente, *Strom*] poderosa que engrossa tanto mais quanto mais para longe foi avançando da sua origem»⁹.

Em suma, mesmo se, e quando, se revela como *fruição* de um espaço e de um tempo que densificam e conferem espessura à nossa *qualidade* de humanos, a *cultura* não deixa de se constituir como *trabalho de cultivo*, criador, na *reconfiguração do ser* e na *abertura das possibilidades reais* que cada existência adiante de si pro-jecta.

A *cultura* -- como recepção, como fruição, como criação -- só respira e só vive de dentro de um cultivo vivificador, que supõe um consistente *diálogo* como o mundo, com os outros, e connosco próprios.

§ 5. *Uma casa aberta a múltiplos cultivos.*

É neste quadro que a *Biblioteca* -- considerada agora não apenas em regime de laboratório privado, mas na sua figura de *instituto social* -- se perfila como expressão *organizada* desta necessária *tomada a cargo* da dialéctica intrínseca da cultura.

⁹ «ein mächtiger Strom, der sich vergrößert, je weiter er von seinem Ursprunge aus vorgedrungen ist», HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung; TW, vol. 18, p. 21.

A cultura, no alargamento do diálogo com os outros que proporciona, supõe *materializações* para se ancorar, na medida em que elas representam e sedimentam, sob as mais variadas formas de documento (inclusivamente, virtuais), essa *presença do outro* -- de que é preciso inteirar-se, que importa questionar, examinar, fazer falar, converter em pólo vivificado de uma *interlocução* apontada ao enriquecimento concreto de tarefas e de itinerários que nunca deixarão de ser próprios.

Neste sentido -- que nos conduz do «labirinto» (de que Jorge Luis Borges repetidamente falava como fascinante metáfora do «livro»¹⁰) à «enciclopédia» (que Umberto Eco emprega como emblema luzente daquela «semiose ilimitada» que anima, e em que se plasma, todo o desenvolvimento da cultura¹¹) --, a *biblioteca* não se limita a ser *depósito* de cultura, porque lá se arrumam ordenada e amorosamente preciosos produtos que a objectivam.

A *biblioteca*, desdobrando-se no prosseguimento institucional da sua missão histórica comunitária de cultura, é chamada, fundamentalmente, a *abrir um espaço e um tempo de cultivo*.

Penso que -- resolvidas ou acauteladas as questões técnico-estáticas de aprovisionamento, de manutenção, e de funcionamento -- é em torno deste ponto de *dinâmica* que as batalhas decisivas verdadeiramente se travam.

No mundo contemporâneo -- e de um modo acrescido nas condições sociais em que a convivência de determinadas comunidades se processa -- *devém culturalmente vital* que a *biblioteca* consolide e aprofunde a sua vertente constitutiva de *centro dinamizador de cultivos*.

Não se trata da ocupação decorativa e avulsa de uma área marginal de adjacências, apontada ao entretenimento sofisticado e em que borboleteia a novidade de uma moda benquista. Trata-se da reconfiguração, genuína e

¹⁰ «ninguém pensou que livro e labirinto eram um só objecto» -- «nadie pensó que libro y laberinto eran un sólo objeto», Jorge Luis BORGES, *Ficciones* (1944), *El jardín de senderos que se bifurcan*; *Prosa Completa*, Barcelona, Editorial Bruguera, 1980, vol. 1, p. 469.

¹¹ «A enciclopédia é o único meio com o qual nós podemos dar razão não só do funcionamento de qualquer sistema semiótico, mas também da vida de uma cultura como sistema de sistemas semióticos interconectados.» -- «L'enciclopedia è l'unico mezzo con cui noi possiamo rendere ragione, non solo del funzionamento di qualsiasi sistema semiotico, ma anche della vita di una cultura come sistema di sistemi semiotici interconnessi.», Umberto ECO, *Dall'albero al labirinto. Studi storici sul segno e l'interpretazione*, 1.4, Milano, Bompiani, 2007², p. 61.

fundada, de *recursos* culturais e de uma *organização* cultural, tendo em vista o cumprimento por inteiro da sua razão de ser básica.

A *biblioteca*, institucionalmente, é um *vector de cultura*, e como tal tem que se firmar e exercer, designadamente, naquela que, porventura, constitui a vertente mais pedregosa de qualquer política de cultura: a -- sem dúvida, difícil, mas imprescindível -- promoção da *apetência cultural*.

Não basta dispôr de materiais, não basta dispôr os materiais, não basta garantir e melhorar a sua acessibilidade; o decisivo é incentivar e enquadrar a vida, os relacionamentos multifacetados, que -- tomando-os como instrumento e veículo de *mediação* -- corporizam um efectivo *cultivo*.

O desafio -- que, lamentavelmente, apenas consigo esboçar nos seus contornos abstractos, sem me atrever a um adentramento pelas sendas sobranceiras do «palpite» omni-resolutor, próprias da diletância presunçosa e despachada -- consiste em estabelecer uma relação *nova* com a cultura que se fez e que se faz, na perspectiva daquele «fazer de cultura» que nos constitui, e que podemos sempre enriquecer.

Penso, de resto, que é nesta direcção que a generalidade das Bibliotecas -- sem esperar supersticiosa ou magicamente pelo século XXI -- estão, dando corpo e respiração a uma *esperança trabalhada*, percorrendo o seu caminho: olhar de outra maneira para a biblioteca, conceber a biblioteca desde uma outra funcionalidade, estimular a conversão da biblioteca em *casa* acolhedora, em *foyer*, de *encontro* e de *descoberta* -- desde logo, com, e a partir de, aqueles que a frequentam.

A *cultura* é uma obra «aberta» e em movimento; porque a cultura, como lavrança e como expressão da lavoura humana do mundo, sempre se encontra «em estaleiro» -- ainda que seja para lá que alguns, porventura, a gostariam de mandar...

Normalmente lemos sozinhos (e não seria mau reactivar e suscitar experiências de leitura colectiva); mas é *em relação* que descobrimos, e é juntos que construímos -- coisas grandes que acabam por nos transcender, ou coisas triviais e de duvidoso interesse (como esta fala que recebeu a designação solene de conferência).

Muito obrigado.

Lisboa, Novembro de 2008.